

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro de Estudos Internacionais sobre Governo

Especialização em Relações Internacionais:
Geopolítica e Defesa

Guerra contemporânea

Notas de Aula

Professor
Paulo Visentini

Estudante
Lui Laskowski

2022

1 Teorias e fases históricas

Há uma grande discussão sobre a guerra como uma espécie de anomalia psicológica, buscando-se soluções psicológicas para um problema “irracional”. Em fato, a guerra é um conflito político que chega às vias armadas, e pode ser explicada racionalmente.

A natureza humana é historicamente condicionada pela cultura e sistemas de poder, ainda que as pulsões sejam universais - não há, portanto, um comportamento humano universal.

Grandes teóricos estudaram a guerra e construíram escolas, sendo Clausewitz o mais famoso na visão ocidental da guerra, acompanhado por Sun Tzu, Mao e Giap.

Sempre houveram conflitos nas sociedades agrárias, desde os primeiros conflitos por recursos naturais - guerras “tribais”. O estudo destes conflitos deve levar em conta a estrutura socioeconômica e de poder dos grupos envolvidos, que gera uma lógica própria da guerra.

Posteriormente, houve a evolução de pequenas cidades-Estado e impérios, na antiguidade clássica, que criaram um tipo de conflito que cresceu com os impérios - como em Roma. Historicamente se pode fazer uma comparação entre a Grécia e Roma e Inglaterra e Estados Unidos, em seus impérios ultramarinos e regionais. A lógica dos impérios tinha sua lógica e seu estilo, uma guerra muito expansiva e ofensiva contra estados mais fracos.

O poder militar em si não dá conta de manter a ordem sem fatores internos - como se viu no Império Romano, de exército organizado e que se desfez por dentro.

O período medieval foi de retrocesso - conflitos de menor intensidade baseados em formas de defesa de pequenas unidades políticas ameaçadas por outras pequenas unidades políticas, conforme nobres uniam camponeses para combater em guerras majoritariamente defensivas. Isto criou algo novo - uma espécie de tabuleiro de xadrez de diversas unidades políticas, criando um sistema de diplo-

macia, alianças e equilíbrios que cresceu em escala para formar unidades maiores estatais no período absolutista.

No século XV, período de monarquias absolutistas dinásticas, o estado nacional ainda não existia, mas a economia comercial capitalista e a centralização política estava em ascensão, bem como uma expansão mundial através dos oceanos. A época viu uma grande guerra civil europeia pela religião, conforme o papado se expandiu para outras áreas com reação de estados protestantes para se emancipar da divisão de mundo feita pelo papado. O próprio tratado de Tordesilhas dividiu o mundo em dois.

A guerra desta época usava nobres e algum tipo de exército, mas evitava confrontos massivos. A maior parte do exército era mercenário. O combate em linha buscava aumentar o poder de fogo de unidades individuais, e impedir a fuga de contingentes - as guerras medievais eram lutadas por contingentes minúsculos e relativamente desorganizados até a guerra de pólvora, evolução acompanhada pela mudança tecnológica na artilharia, infantaria e cavalaria.

Em geral na época medieval e renascença o rei unia sua guarda permanente a mercenários e senhores locais. Estes mercenários não eram particularmente confiáveis.

As revoluções americana, francesa e as guerras napoleônicas mudaram a guerra - agora não se lutava por fidelidade a um rei (dinastia estrangeira) ou abstratamente por uma religião, mas por algo novo - uma *nação*, que surge nos Estados Unidos, por exemplo, como uma rebelião contra sistemas de taxaço.

Esta nova guerra trouxe novidades - a ideia de construção de nação e um tipo de guerra *irregular*, com o uso de forças militares não convencionais contra tropas europeias. A revolução francesa ampliou as novidades com o recrutamento e surgimento de um serviço militar, e a alta motivação de recrutados para defender uma causa que se assumia como a *própria* causa.

2 Guerra industrial e total

As guerras napoleônicas foram “totais” segundo a capacidade econômica e logística da época. A revolução industrial começou a produzir ferro e aço, sistemas de armas de repetição, canhões, ferrovias, telégrafos, poder marítimo e visão ofensiva nunca antes vistos, chegando a armas automáticas.

O sistema ferroviário tornou possível o transporte de homens e armas a uma velocidade e volume inéditos. Os telégrafos tornaram a conexão entre ordens, comando e governo muito mais rápida; e isto tudo gerou uma *potencialização ofensiva* muito forte, uma guerra ofensiva que se tornava mais fácil; e um poder marítimo que crescia com novos navios e rotas de comunicação otimizadas.

A guerra de secessão americana e guerra franco-prussiana mostraram como o novo sistema de armamentos era decisivo. O exército prussiano tinha um soldado preparado e educado, um sistema ferroviário superior e um armamento superior; e o exército da União demonstrou a primazia do sistema industrial e naval do Norte.

Estas guerras anteviam as que viriam. O momento no qual a guerra se tornou mundial e total foi a Primeira Guerra Mundial. Nas tensões que levaram à Grande Guerra, houve uma mudança de quadro brutal. Os exércitos passaram a ser recrutados em massa, agora por um Estado poderoso e nacionalista - a “mobilização total” - e supridos por uma capacidade logística imensa. As grandes armas da guerra foram a metralhadora e a artilharia, ainda que outros tipos de armas tenham trazido inovação tecnológica ao campo.

Isto criou certo paradoxo. Quando o exército alemão avançou sobre a França, no Plano Schlieffen, seu avanço inicial foi contido pela vantagem defensiva da metralhadora. Os exércitos se entrincheiraram, e paradoxalmente se voltou, em 6 meses, ao paradigma anterior de guerras defensivas. Os avanços foram pontuais e extremamente custosos, numa guerra de desgaste. As tentativas de criar frentes secundárias no Oriente Médio, Norte da Itália e

nos Bálcãs, assim como o *front* oriental, tinham a finalidade principal de “puxar” tropas alemãs para fora da frente ocidental.

As regiões da frente ocidental eram abundantes em ferrovias, e a capacidade logística levou a um gasto assombroso em vidas e equipamento. A Alemanha encontrou uma posição difícil, porque não teve acesso a suas colônias nem ao mercado internacional. Ficou claro que a guerra não se ganhou no mar - o bloqueio auxiliou uma vitória que só poderia ocorrer em terra.

A Rússia sofreu muito e saiu da guerra, criando um regime socialista a partir de soldados que não suportavam mais o modelo de avanço pontual custoso, que gerava bolsões indefensáveis e recuos dolorosos. Quando terminou a Guerra, surgiu um problema grande - como superar a situação defensiva desgastante que infectara a guerra?

A Alemanha buscou uma solução pelo uso da *Blitzkrieg*, utilizando tanques para furar linhas de defesa com apoio da força aérea e infantaria. Este tipo de guerra foi eficaz contra Estados vizinhos em condição de inferioridade estratégica; quando os alemães tentaram replicar esta estratégia na União Soviética, o recuo estratégico soviético e enorme desgaste decorrente acabou por derrotar os propósitos alemães de conquista rápida.

Os EUA, a URSS e a China são Estados gigantescos, assim como a força do Império Britânico nos mares. Esta guerra, também, foi nova por não fazer distinção entre civis e militares - guerra total e, da parte do Terceiro Reich, racial.

A Guerra Fria se deu no equilíbrio nuclear no Norte, em guerras limitadas locais (Israel, Índia) e guerras insurgentes no Sul (Vietnã). Houve aqui também algo novo, nas guerras revolucionárias na Ásia, América Central e, de forma limitada, no Oriente Médio. A guerra do Vietnã foi nova pela eficácia do uso da guerrilha - o Vietnã foi capaz de rechaçar os EUA e a China. A guerra insurgente se espalhou também pela África - que permitia avanços limitados dependentes do que faziam as superpotências.

Este era simplesmente um jogo de xadrez, absolutamente limitado. A ameaça nuclear *neutralizou* a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial - o quadro era, ainda que arriscado, de absoluta e inédita *previsibilidade*.

3 Guerra híbrida e de quarta geração

Com a renúncia do *status* de uma das superpotências da Guerra Fria, um problema surgiu - pois um inimigo foi sempre um elemento importante da política americana. Num quadro de ascensão de novas potências, a discussão teórica americana se deu entre declinistas e revivalistas.

Sobretudo, há uma importante conexão entre potências nos eixos do poder mundial. Há um desequilíbrio estratégico conforme o primeiro eixo não tem um inimigo que possa focar com clareza.

Com o fim da Guerra Fria, o orçamento militar e o volume de exércitos foi drasticamente reduzido, especialmente nos países mais afetados do Leste Europeu e Ásia. O que foi reduzido incluiu as tropas técnicas, o que deixou pessoal altamente especializado desempregado. Houve também um estoque de armamentos inteiramente vendido a quem pudesse comprar.

Houve uma migração, pois, à criação de PMCs. O uso de mercenários, durante a Guerra Fria, era geralmente limitado à contratação de mercenários individuais. Após a Guerra Fria, surgiram imensas companhias que vendem serviços militares.

Por outro lado, como consequência à ausência de ameaça formal e grande urbanização, a resistência ao serviço militar obrigatório se tornou muito grande. Guerras impopulares geram efeitos políticos e econômicos muito graves, e se tornou difícil manter grandes exércitos. O recrutamento em si se tornou mais limitado.

A própria marinha americana, mais poderosa do mundo, tem um terço do efetivo com que contava

na década de 1980. Os orçamentos se focam mais na modernização que na construção e recrutamento de novos ativos. A Marinha americana conta com ativos focados na velocidade de mobilização e engajamento; no entanto, para qualquer operação maior, um grande número de soldados seriam contratados. Na guerra do Iraque, por exemplo, mais soldados privados foram utilizados do que forças estatais.

Mesmo a Rússia que apoia rebeldes no leste da Ucrânia luta suas guerras com o uso de muitas tropas estrangeiras e privadas. Estados do Sul são, portanto, mais frágeis, e mais vulneráveis ao aparecimento de milícias políticas e ao *warlordismo*, dependendo de forças estrangeiras para garantir o domínio estatal. Grande parte destas PMCs e milícias envolvem operações em Estados débeis nas áreas de tráfico e mineração.

Nesse contexto, passaram a ocorrer guerras contra Estados fracos - as guerras do Iraque e da Iugoslávia, com intervenção externa, são exemplos importantes. Estas guerras foram formativas de uma nova ordem com o objetivo de forçar estes Estados a seguirem uma nova forma de atuação internacionalizada.

Estes tipos de conflitos não são necessariamente anarquias, mas processos reais de *formação de Estados nacionais*, porém com conexões internacionais. Houveram, na África, conflitos extremamente violentos, como a Grande Guerra Africana, com mais vítimas do que a Guerra do Vietnã. Os conflitos em Angola envolveram não apenas a guerra civil, mas contra a África do Sul, envolvendo armas abundantes do antigo Pacto de Varsóvia. Este tipo de guerra precisa ser conhecido e estudado.

Desde o Afeganistão, o fundamentalismo islâmico se formou por grupos insurgentes locais e voluntários árabes, treinados por poderes ocidentais, para auxiliar o governo afegão anti-soviético. Acabada a Guerra Fria, os insurgentes criaram organizações terroristas que se voltaram também contra o Ocidente - o 11/9 criou uma realidade nova, envolvendo a intervenção militar na região que originou estes movimentos.

A intervenção no Iraque expôs tropas ocidentais aos grupos terroristas, e a estratégia militar se baseou, nos primeiros 15 anos do século, em **contrainsurgência** - o Ocidente atuou mais como forças de polícia em outros países do que como tropas de combate propriamente dito.

A internacionalização dos conflitos da Primavera Árabe foi o ápice deste tipo de relação. Os objetivos estratégicos se alteraram, especialmente, de acordo com a ascensão da China. O Ocidente, nos últimos 5 anos, passou a deixar de lado os conflitos no Oriente Médio e passar a, novamente, se focar em conflitos convencionais. A Rússia está ascendendo, e se aproxima da China, se criando um cenário geopolítico complexo e arriscado que leva à recriação da capacidade militar convencional ofensiva. A China respondeu com a criação e aprimoramento de forças armadas modernas.

4 Guerra russo-ucraniana

Esta guerra foi uma completa surpresa - uma guerra convencional em plena Europa. Quem a acompanhou mais de perto sabia que as tensões cresciam desde 2014, com o golpe de Estado na Ucrânia que levou ao poder a direita anti-russa.

Todas as ideias de diferenciação entre Rússia e Ucrânia são equivocadas. As línguas são extremamente similares, e as histórias são igualmente entrelaçadas. Esta questão não é uma questão nacional, étnica ou religiosa.

Evidentemente a I Guerra Mundial causou grandes problemas no Império Russo, mas isso ocorreu por todo o Império, e a proposta da Ucrânia Soviética foi a que se buscou. A república federada ucraniana misturava russos e ucranianos no mesmo território. A região leste ucraniana sempre foi povoada por russos, e foi colocada na Ucrânia para garantir a predominância da SSR russa na nova república.

Em seus 74 anos de existência, a URSS foi governada por dois ucranianos consecutivamente. Com as reformas de Gorbachov, o presidente da Ucrânia

se opôs, e o *politburo* o removeu. Gorbachov, porém, foi ultrapassado por outra figura ainda mais reformista - Yeltsin. Com a tentativa do golpe de agosto de 1991, Yeltsin subiu ao poder e passou a perseguir o partido comunista.

Naquele momento, que acabou com a federação foi a SSR russa, onde Yeltsin tinha poder para implantar suas reformas. A Ucrânia queria evitar esta onda de privatizações selvagens e perseguições de Yeltsin - e separou o partido comunista ucraniano para sobreviver. Esta separação deixou muitos problemas.

O primeiro é que 20% da população ucraniana é russa, e tem ainda mais pessoas que têm como língua principal o russo. Este tipo de mistura ocorre de forma muito notável dentro das forças armadas em combate - a guerra não é popular, é um problema de ordem política.

Essa diversidade de povos foi resolvida, na Rússia, com a federação, em unidades federativas autônomas. A Ucrânia procurou criar uma identidade separada, impondo a língua ucraniana e ofendendo a população russa e falante de russo.

A Ucrânia é fatiada em três - o oeste, o leste e o litoral sul. A região leste é composta principalmente por russos e falantes de russo. O litoral e centro se acomoda ao que for melhor - mas o Oeste costumava fazer parte do Império Austro-Húngaro, e não viveram o Império Russo, incluindo as forças colaboracionistas ao Terceiro Reich - só sendo incorporado à Ucrânia após a Segunda Guerra Mundial.

Os déficits democráticos na Ucrânia ocorrem também na Rússia, no mesmo grau. Conforme Putin começou a enquadrar oligarcas, mas a autoridade ucraniana é mais instável. A Ucrânia, ainda que não independente, costumava fazer parte do CSNU como Estado independente mesmo com a representação soviética, o que criou expectativas nacionalistas.

Há, na região, grandes estoques de armas, como nos túneis preparados em Mariupol e explorados por

grupos extremistas e de defesa nacional da Ucrânia.

O divórcio ao fim da União soviética viu uma Ucrânia que sofreu muito mais do que a Rússia em termos de economia. A Rússia pôde utilizar os recursos da Sibéria. As armas nucleares, por pressão ocidental, foram entregues à Rússia por todos os Estados soviéticos menores, em troca de ajuda econômica.

A frota do mar negro, em Sevastopol, foi uma questão problemática - A Crimeia fazia parte da SSR ucraniana, mas era povoada principalmente por russos. Yeltsin conseguiu fazer um acordo de divisão da frota, e arrendamento da base de Sevastopol, que era compartilhada pelos dois países, diante da ausência de outros portos russos no Mar Negro, em troca do perdão de dívida de uso de gás pela Ucrânia.

No início da segunda década do séc. XXI, Yanukovich, ucraniano de origem russa, buscava resolver o problema econômico. A Alemanha tinha já negado qualquer forma de ascensão da Ucrânia dentro da OTAN, ainda que a expansão tenha ocorrido para leste. Para compensar a Ucrânia, a França e Alemanha propuseram sua entrada na União Europeia.

A União Europeia, porém, têm princípios liberais que precisariam de uma liberalização muito grande contra grupos de interesse ucranianos poderosos. A UE pede que o país tenha uma política econômica aberta e privatizada, o que mexia numa estrutura de emprego e outros problemas. O dinheiro enviado não seria suficiente para resolver os problemas sociais criados.

Putin, para resolver este problema, começou a criação da União Econômica Euroasiática, uma espécie de mercado comum que prometia investimentos de petróleo mais substanciais. Yanukovich, pois, cancelou as negociações com a União Europeia, que levou às manifestações da Maidan.

A revolução colorida que se seguiu - um tipo de guerra híbrida - tomou o poder e logo proibiu o uso do russo como língua oficial, também acabando com qualquer autonomia das regiões russas. Putin

já previa este cenário, e agiu de forma rápida com um plebiscito na Crimeia seguido pela ocupação da península.

Houveram confrontos armados no leste do país, mas neste momento o exército ucraniano estava muito desorganizado - e aí surgiram os batalhões e milícias paramilitares, incluindo unidades da extrema-direita, que cometeram grandes violências no leste ucraniano. Tomou-se Mariupol e Odessa, onde ocorreu o incêndio criminoso de um prédio onde falantes de russo se refugiavam.

Desde esta época um conflito ocorre no leste da Ucrânia. A Rússia recusou a incorporação das regiões a leste da Ucrânia.

Certas ações foram tomadas por Biden como ações para “forçar o urso a sair da toca”. Com uma preparação psicológica significativa, inclusive pela parte de Zelenskyy, e o início de bombardeios ucranianos às regiões do leste, bem como a retomada da Crimeia. A Rússia, que previa este movimento, invadiu antes.

A operação a leste de Kiev nunca teve o objetivo de tomá-la - a mobilização russa de duas regiões militares não tem nem de perto o poder de tomar uma cidade de três milhões de habitantes. A operação foi, porém, capaz de permitira avanços russos no leste.

Em 25 de julho de 2022, o conflito ainda não acabou, ocorrendo também por “sanções boomerang”, bem conhecidas do Ocidente. A Rússia tem sido capaz de vender seu petróleo, e com a aproximação do inverno a escassez de gás pesa muito na Europa - que é, ao fim e ao cabo, a grande perdedora.

O que Trump queria era que os países europeus aumentassem seus orçamentos de defesa para 2% do PIB, para reduzir os gastos americanos de defesa na região. O que ocorreu de fato é que dois países neutros buscam agora entrar na OTAN (Finlândia e Suécia); e a Alemanha, que tinha grandes negócios com a Rússia e puxava a economia europeia, não é mais capaz de fazê-lo, ao menos no momento.

Não se sabe exatamente qual o objetivo russo, e a Ucrânia não sabe exatamente qual *status quo ante* é capaz de buscar.

Os conflitos convencionais estão de volta. Os conflitos híbridos continuam existindo, mas perdem importância. Por trás dos dois beligerantes, a Ucrânia age mais como procurador ocidental. Este conflito pode, também, ser o início de uma guerra maior, conforme tensões em Taiwan aumentam. A Rússia, em comparação à China, não tem tanto poder, o que foi provado mesmo no campo de batalha na Ucrânia, e com um PIB equivalente à Espanha. Este possível confronto pode começar pelos flancos, num conflito menor que busca enfraquecer a Rússia, mas que a empurra cada vez mais para a aliança com a China.

5 Conferência síncrona

Na caracterização de guerra, as sociedades sempre se mostraram aptas a resolver divergências e competições por meio da violência. Houve certa crença de que comunidades indígenas ou de outros modos de vida seriam pacíficas - não são nem nunca foram. Depois do fim da GF, houve certa crença ingênua numa paz kantiana, mas os acontecimentos mostram que a guerra é um fenômeno permanente.

A guerra requer recursos. Uma parte da sociedade não produzirá - será sustentada por outra parte da sociedade. O soldado não só não produz - precisa ser alimentado, vestido e armado. Por essa razão, as guerras das sociedades agrárias com um excedente econômico costumavam se utilizar de contingentes pequenos.

A revolução francesa trouxe à guerra um novo caráter, mobilizando toda uma sociedade ao redor de um ideal. O hino nacional da França é o hino de um grupo do exército revolucionário do Alto Reno; e as guerras revolucionárias e napoleônicas mais bem sucedidas foram travadas nas partes mais ricas da Europa, porque o problema logístico era imenso e era necessário abastecer-se da região.

A mãe de todas as guerras foi a Primeira Guerra Mundial, armada com tecnologia nova e doutrinas antigas, movida a nacionalismos e por meio de uma concepção estratégica ainda atrasada e remanescente à guerra de pólvora. As grandes aniquiladoras foram, sem dúvida, a artilharia e a metralhadora, e a Europa nunca mais se recuperou como o centro do sistema mundial, além de provocar a revolução soviética.

A Segunda Guerra Mundial tentou vencer os dilemas de guerra de posições da Primeira, desenvolvendo motorização, mecanização e a guerra de movimento, e vendo também a inclusão dos civis como alvos de extermínio - podemos caracterizá-la como guerra total.

Naquele momento, havia um grupo de sete potências - a Inglaterra, a França, a Alemanha, os EUA, o Japão, a Rússia e a China. Estas potências, ao longo da unificação alemã, se organizaram em alianças - a Inglaterra se utilizava da Alemanha para contrabalançar a França e a Rússia, enquanto potência terrestre. Depois da guerra russo-japonesa, o inimigo principal passou a ser a Alemanha imperial, através de uma aliança anglo-francesa.

A Alemanha sempre esteve cercada, no centro da Europa, e isto sempre foi seu problema. Conforme a marinha britânica fechou os mares que a cercavam, respondeu com a guerra submarina.

Na Segunda Guerra Mundial, as coisas se repetiram, porém a URSS e o Japão foram aliados relevantes. O Japão e a Alemanha nunca se entenderam tão bem - tinham os mesmos adversários, mas prioridades diferentes. Quando a Alemanha invadiu a URSS, o Japão havia acabado de lutar contra a URSS e logo assinou um pacto de não agressão. A guerra utilizou amplamente a aviação, e a Alemanha e o Japão foram esmagados em definitivo, por bombardeios que tinham também a função psicossocial de convencer as elites dos países bombardeados de que não mais deveriam lutar.

No Pacífico, o PIB americano era 12 vezes maior do que o japonês, e a Alemanha ficou também muito

presa a sua posição geopolítica no centro da Europa. A guerra que consumiu a maior parte de seus recursos, porém, foi a com a URSS, que destruiu metade da sua base industrial - metade das baixas da Segunda Guerra Mundial foram soldados e cidadãos soviéticos.

Após a Segunda Guerra, surgiram o que se chamou de *superpotências*. O bloco soviético era grande, mas um território despovoado e com uma economia regional voltada para dentro, enquanto os EUA representavam uma economia muito mais global. Em 1949 se criou a OTAN, assim como a China comunista - que nunca se deu bem com a URSS, que priorizava sua segurança, enquanto a China tinha outras prioridades - especialmente a unificação e finalização da Revolução. No contexto dessa rivalidade, a China se aliou aos EUA e contribuiu para a queda da URSS.

A guerra era “fria” pela existência do poder nuclear. Os EUA investiram em bombardeiros estratégicos (B-29, B-36, B-57), enquanto a URSS investiu em defesa de profundidade, com seus estados-satélite fornecendo certa segurança.

A Guerra Fria não é apenas um conflito, é um sistema. Até hoje a Alemanha e o Japão não têm soberania completa. Na Ásia, as questões da Segunda Guerra Mundial ainda não foram inteiramente resolvidas, especialmente no contexto dos abusos japoneses.

A ameaça externa ajudou os EUA a coordenar todo o mundo capitalista, que contava com a bomba nuclear, o dólar, um imenso poderio nuclear convencional e uma base em excelente posição geopolítica (os próprios EUA). A GF, portanto, era útil à queda dos impérios coloniais e expansão dos mercados capitalistas.

A corrida armamentista era também uma competição econômica e tecnológica, e o PIB capitalista era muito superior ao do bloco socialista.

Os conflitos do terceiro mundo, por sua vez, não foram necessariamente criados pelas grandes potências. O que as potências fazem é se envolver

nesses conflitos para buscar benefícios políticos.

Esse contexto completo, se construiu um equilíbrio no qual ambas as superpotências poderiam atingir a outra a partir de seu território, mas nenhuma dava o primeiro tiro, diante da destruição mútua assegurada (MAD). Os auxílios a Cuba, Vietnã, Coreia do Norte, Nicarágua, o conflito do Afeganistão e outros - eram demais para a URSS. Não chegou a ser uma incapacidade econômica e tecnológica, pois a URSS era um grande centro de ciência, mas gastava uma porcentagem muito elevada do PIB na defesa e faltava a outros setores.

A URSS caiu por uma estagnação política. Gorbachov tentou resolver os conflitos externos da URSS, com certo desconhecimento e ingenuidade, levando a uma queda interna. Se acreditou que se iniciava uma nova era mundial - no entanto, o que ocorreu foi o desmantelamento da CEI de forma absolutamente misturada, em termos étnicos. Quando o Cazaquistão foi formado, apenas 38% de sua população eram cazaques - há muitos russos ainda hoje na Ucrânia.

As alianças começaram a se inverter. Com a queda da ameaça da URSS, a aliança EUS-China se tornou menos útil. Com o crescimento chinês cada vez maior e a manutenção do sistema socialista.

Yeltsin deu à URSS uma administração absolutamente desorganizada. A Federação Russa ocupou o lugar da URSS no CSNU e o status de potência nuclear - mas houve um divórcio coletivo que criou muitos problemas.

Na época, a Rússia chegou a ser parceira da OTAN, por estar completamente desorganizada, e sofrendo pressões de petrolíferas ocidentais até a saída de Yeltsin. O governo Putin viu certa recuperação, mas nunca chegou perto das capacidades da URSS. A Rússia possui, porém, um grande mercado consumidor na Ásia, muitos recursos naturais e um grande conglomerado de tecnologia aeroespacial que herdou da URSS. Nesse sentido, a Rússia tem certa vantagem sobre a China, que ainda não tem pessoal treinado suficiente e uma doutrina de aviação

ção de combate e naval bem desenvolvida - tendo sido uma potência terrestre por 5.000 anos.

A insistência ocidental não deixou dois candidatos entrarem - o Brasil e a Índia. O status nuclear indiano foi aceito por sua rivalidade com a China, mas não houve reconhecimento do projeto nuclear brasileiro. Enquanto isso, o bloco ocidental envelhece e a Ásia cresce muito em complementariedade com a Rússia.

As alianças se inverteram. A Ucrânia não costumava ser bem vista pelo Ocidente, mas com a expansão da OTAN a partir de 1990, tendo duplicado seu número de membros. A Rússia se sente fortemente ameaçada. Havia se prometido a segurança a Gorbachov no desmantelamento do Pacto de Varsóvia, mas o Ocidente ainda precisa de um inimigo para se motivar.

Tudo o que tem sido feito acaba por empurrar a Rússia mais para o lado da China. A Rússia gostaria de buscar autonomia, mas sob ameaça acaba por fazer a opção indesejável de ser o *junior partner* da China, que é uma aliança desconfortável à Rússia.

Continuamos a ter guerras e conflitos em muitas partes do mundo, especialmente nos rastros sangrentos da Primavera Árabe.

Os conflitos híbridos continuam a ocorrer, mas a guerra da Ucrânia é a volta de um conflito convencional entre potências industriais. É uma guerra, além disso, entre irmãos, econômica, e que começa a se internacionalizar em suas consequências, e muito mal coberta pela mídia.

6 Q & A

“A Rússia não é um problema”, segundo um oficial de alta patente do conselho da OTAN entrevistado pelo prof. Visentini. A Rússia tem debilidades bem conhecidas pela OTAN, e a Ásia ainda não foi controlada. Coreia do Sul e Taiwan contam com tecnologia do primeiro mundo; o peso da economia mundial está indo para a Ásia, e isto modifica a balança de poder do mundo. A rivalidade do Ocidente

é com a **China**, que, no entanto, por seus negócios, mantém com ele uma relação próxima. Um ataque à China atingiria toda a economia mundial imediatamente.

A Rússia, nesse contexto, é o país mais *fácil* de se atacar, deixando a China sozinha. Há pequenas ilhas entre o Japão e Taiwan, inclusive uma ilha disputada - há um anel de ilhas, portanto, que impede que a China saia ao oceano abertamente em caso de guerra. Em caso de um conflito como o que levou ao ataque de Pearl Harbor, os chineses consideram também suas limitações de recursos, assim como os japoneses o fizeram. Por isso os enorme investimentos em ferrovias e outras estruturas logísticas.

O espaço eurasiático está se reorganizando, e o Ocidente está tentando desgastar o aliado maior da China para reduzir as cartas na mão chinesa. Não há manifestação da população de Taiwan, que se considera chinesa. O governo de Jiang Jieshi não só se considera o governo legítimo de toda a China, mas também de toda a Mongólia e da Tuva russa.

A guerra híbrida, com origem no Vietnã e no Afeganistão, tendo mostrado o enorme desgaste da guerra a uma sociedade industrial moderna, criou enormes efeitos internos. O custo político e social da guerra, para uma sociedade *rica* - veja-se a extinção do serviço militar obrigatório - criou as guerras por procuração.

Houve uma redução imensa dos exércitos após a Guerra Fria, que deixou uma enorme porcentagem de soldados desempregados que se tornaram PMCs. Nas comunicações isso envolve questões cibernéticas e formas de atuação estimulando movimentos políticos. Isto blindou a Rússia quando esta aprendeu a lidar com isso, o que foi repetido na Primavera Árabe.

A guerra híbrida tenta *reduzir os custos para quem faz a guerra*. Os EUA saíram do Vietnã para evitar a perda do exército, não a derrota. A guerra híbrida surgiu para evitar a ressurgência desse tipo de inferno.

Observamos que quem vence o jogo, econômica-

mente, é a Ásia. Quem vira a mesa está perdendo o jogo.

A guerra se afastou da guerra *híbrida*, tendendo a certa reconvenção, não por falta de conhecimento e inteligência. Quem é derrotado aprende mais do que quem vence. A questão da guerra cresceu, e melhor do que se defender em seu território é desarticular a defesa alheia. Por isso, se recorreu a uma guerra convencional na Ucrânia, ainda que não seja, de forma alguma, uma guerra total - as divisões de elite não foram mobilizadas, e apenas duas regiões militares foram mobilizadas.

O caminho foi esse. O avanço russo busca os caminhos de menor resistência, evitando a armadilha das cidades (com exceção de Mariupol). Os EUA já, há bastante tempo, se preparava para sair da doutrina de contrainsurgência para a doutrina da guerra convencional (especialmente contra a China).

O Paquistão baseia todo seu poder de dissuasão em suas guerras nucleares. A Coreia do Norte tem ainda outro problema, o do cessar fogo - o que buscam é o reconhecimento americano. As revoluções tecnológicas têm ocorrido muito rapidamente, e há meios mais baratos, hoje, de fazer a guerra, do que a guerra nuclear. Nenhuma invenção tecnológica foi capaz de mudar o **caráter** da guerra - mesmo a guerra nuclear levou apenas à criação de outros tipos de conflitos.